

AS VOZES DA FAUNA NA AMAZÔNIA LEGAL: ESTUDO PLURIDIMENSIONAL DAS VARIANTES FORMOSENSES

THE VOICES OF FAUNA IN THE LEGAL AMAZON: A PLURIDIMENSIONAL
STUDY OF FORMOSENSE VARIANTS

LAS VOCES DE LA FAUNA EN LA AMAZONÍA LEGAL: ESTUDIO
PLURIDIMENSIONAL DE LAS VARIANTES FORMOSENSES

Karina de Jesus Araujo¹, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida², Carina Maria da Silva Crispim (Cacao)³, Isabel Cristina Samoel Fonseca⁴, Priscila Ferreira de Alécio⁵, Zoraide Magalhães Felício⁶, Jislaine da Luz⁷, Valdirene Cavichioli⁸, Josilene Pereira dos Santos⁹, Nilton Arlindo da Silva Filho Mazochin¹⁰

DOI: 10.54899/dcs.v22i81.3094

Recibido: 21/7/2025 | Aceptado: 22/7/2025 | Publicación en línea: 28/7/2025.

RESUMO

Este artigo analisa as variantes lexicais relacionadas à fauna no município de Formoso do Araguaia (TO), com base na Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1998, 2010) e na Sociolinguística (Labov, 2008). Os dados foram coletados por meio do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com foco na pergunta: “*Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?*”. Participaram 48 informantes, distribuídos entre quatro grupos varietais (maranhense, gaúcho, caipira e ribeirinho), com recorte por faixa etária, gênero e escolaridade. A análise considerou as respostas espontâneas, as evocações por insistência e as formas sugeridas, conforme a técnica dos três passos. Os resultados revelam diferenças relevantes no uso das variantes lexicais entre os grupos e gerações de falantes, refletindo processos de manutenção, inovação e abandono linguístico. Os mapas linguísticos gerados ilustram esses padrões e demonstram a complexidade das formas em circulação. O estudo reforça a importância da abordagem pluridimensional para compreender a diversidade do

¹ Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa, Letras, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: kjaraujo@usp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9463-5909>

² Doutor em Filologia e Língua Portuguesa, Letras, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: msantiago@usp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0680-1151>

³ Graduada em Letras e Espanhol, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: carinams@usp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1052-3668>

⁴ Mestre em Língua Portuguesa, Letras, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: isabelfonseca@usp.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0024-1107>

⁵ Doutoranda em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: priscila.alecio@sou.ufmt.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0314-5670>

⁶ Doutoranda em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: feliciozoraide@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6272-415X>

⁷ Doutoranda em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: jislaine.luz.2015@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6394-5787>

⁸ Doutora em Linguística, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, Mato Grosso, Brasil. E-mail: valdirene.cavichioli@edu.mt.gov.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9131-1426>

⁹ Doutoranda em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: josilenesnp12@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1920-093X>

¹⁰ Mestrando em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: nilton.mazochin@unemat.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-3667-3938>

português falado na Amazônia Legal e aponta caminhos para novas investigações em contextos de variação e mudança linguística no Brasil.

Palavras-chave: Dialectologia Pluridimensional e Relacional. Variação Linguística. Fauna. Amazônia Legal. Português Brasileiro.

ABSTRACT

This article analyzes the lexical variants related to fauna in the municipality of Formoso do Araguaia (TO), based on Pluridimensional and Relational Dialectology (Thun, 1998, 2010) and Sociolinguistics (Labov, 2008). The data were collected using the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) from the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB), with a focus on the question: "What is the name of the black bird that eats dead, rotten animals?" A total of 48 informants participated, distributed among four varietal groups (Maranhense, Gaúcho, Caipira, and Ribeirinho), with segmentation by age group, gender, and education level. The analysis considered spontaneous responses, elicited answers through insistence, and suggested forms, following the three-step technique. The results reveal significant differences in the use of lexical variants among speaker groups and generations, reflecting processes of linguistic maintenance, innovation, and abandonment. The linguistic maps generated illustrate these patterns and demonstrate the complexity of the forms in circulation. The study reinforces the importance of the pluridimensional approach to understanding the diversity of Portuguese spoken in the Legal Amazon and suggests pathways for future research in contexts of linguistic variation and change in Brazil.

Keywords: Pluridimensional and Relational Dialectology. Linguistic Variation. Fauna. Legal Amazon. Brazilian Portuguese.

RESUMEN

Este artículo analiza las variantes léxicas relacionadas con la fauna en el municipio de Formoso do Araguaia (TO), con base en la Dialectología Pluridimensional y Relacional (Thun, 1998, 2010) y en la Sociolingüística (Labov, 2008). Los datos fueron recolectados a través del Cuestionario Semántico-Lexical (QSL) del Atlas Lingüístico de Brasil (ALiB), con énfasis en la pregunta: "¿Cómo se llama el ave negra que come animales muertos, podridos?". Participaron 48 informantes, distribuidos en cuatro grupos varietales (maranhense, gaúcho, caipira y ribereño), con recorte por franja etaria, género y nivel de escolaridad. El análisis consideró las respuestas espontáneas, las evocaciones por insistencia y las formas sugeridas, conforme a la técnica de los tres pasos. Los resultados revelan diferencias significativas en el uso de las variantes léxicas entre los grupos y generaciones de hablantes, reflejando procesos de mantenimiento, innovación y abandono lingüístico. Los mapas lingüísticos generados ilustran estos patrones y demuestran la complejidad de las formas en circulación. El estudio refuerza la importancia del enfoque pluridimensional para comprender la diversidad del portugués hablado en la Amazonía Legal y señala caminos para nuevas investigaciones en contextos de variación y cambio lingüístico en Brasil.

Palabras clave: Dialectología Pluridimensional y Relacional. Variación Lingüística. Fauna. Amazonía Legal. Portugués Brasileño.



INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma seção do estudo de mestrado intitulado “*Atlas Semântico-Lexical de Formoso do Araguaia – Tocantins: a Dialetologia Pluridimensional e Relacional na Amazônia Legal*” (Araujo, 2023), fundamentado na abordagem da Dialetologia Pluridimensional e Relacional proposta por Thun (2010), em articulação com os princípios da variação linguística de Labov (2008). A análise contempla diversas dimensões linguísticas: diatópica, diastrática, diagenérica, diageracional, diavarietal e diarreferencial (Thun, 2000, 2005). O objetivo principal é contribuir com os estudos sobre as variedades do português brasileiro, valorizando a diversidade cultural local e investigando as variações linguísticas observadas no município de Formoso do Araguaia.

O município, conhecido como “capital da irrigação”, localiza-se próximo à Ilha do Bananal e a comunidades indígenas do tronco Macro-Jê. Destaca-se por dois rios importantes: o rio Formoso, essencial para a agricultura irrigada e o cultivo de arroz e melancia, e o rio Javaés, reconhecido pela diversidade de espécies de peixes. A região abriga comunidades indígenas como Canuanã, São João e Porto Piauí, onde vivem os povos Javaés, Avá-Canoeiros e Krahô-Canela. Uma área de destaque é a comunidade de Canuanã, na zona rural, que recebe o nome da etnia local e abriga uma escola de educação básica mantida pela Fundação Bradesco, situada na Fazenda Canuanã, com papel relevante na formação educacional da população. Essa comunidade conta com cerca de dois mil habitantes.

Diante da diversidade sociocultural, torna-se necessário investigar os aspectos semântico-lexicais da região para compreender suas influências sobre a linguagem cotidiana. Para isso, o estudo buscou analisar o impacto do processo migratório na fala local, considerando a convivência entre maranhenses, gaúchos, caipiras, ribeirinhos e os primeiros habitantes da região. Parte-se da hipótese de que esse contato influenciou – e continua influenciando – o repertório linguístico de Formoso do Araguaia.

Assim, o estudo analisa como a variação e a mudança linguística atuam na formação do léxico local, com ênfase nas interações entre falantes migrantes, indígenas e nativos. A partir das representações da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, conforme as categorias propostas

por Thun, investiga-se de que modo o processo migratório e as diferentes dimensões da variação moldam o vocabulário e as práticas linguísticas dessa comunidade.

A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

O desenvolvimento deste artigo fundamenta-se na Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional de Harald Thun (1998), adotada como referencial teórico-metodológico, além de recortes da pesquisa intitulada “*Atlas Semântico-Lexical de Formoso do Araguaia: a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional na Amazônia Legal*” (Araujo, 2023). O objetivo do estudo é investigar as variações linguísticas da comunidade, com ênfase nos traços sociolinguísticos observados a partir das dimensões propostas por Labov (2008).

Assim, para compreender essa abordagem, é necessário conhecer a proposta de Thun (1998), que defende uma “nova geolinguística”. Essa concepção surge da integração entre a Dialetoлогия Areal e a Sociolinguística, anteriormente tratadas de forma separada. A união dessas perspectivas deu origem a uma concepção ampliada de Geolinguística, consolidando-se na chamada Dialetoлогия Pluridimensional, entendida como parte integrante da ciência da variação linguística.

Desse modo, a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional amplia o campo da geolinguística ao incorporar uma perspectiva tridimensional, sem excluir as contribuições da Dialetoлогия tradicional, da Geolinguística clássica e da Sociolinguística. Embora Thun (1998, 2009) reconheça as limitações dessas abordagens quando aplicadas isoladamente, destaca seu interesse pela superfície linguística, isto é, pelo espaço geográfico e suas interações na produção dos fenômenos linguísticos. Nesse contexto, entre as características centrais da Dialetoлогия Pluridimensional, destaca-se a diversidade dos informantes, que fortalece a representatividade quantitativa e qualitativa da pesquisa. A escuta atenta aos comentários metalinguísticos contribui para a compreensão da dimensão diarreferencial (Thun, 2010), que revela percepções dos falantes sobre as formas linguísticas e suas relações com contextos sociais e culturais.

Dessa forma, outro elemento importante é a possibilidade de o pesquisador sugerir formas ao informante, após a coleta de respostas espontâneas. A técnica dos três passos: “perguntar, insistir e sugerir”, permite identificar o grau de vitalidade de cada forma linguística. Além disso, Thun propõe a incorporação de cronologias (nano, micro, meso e macrocronologia) e o uso de técnicas inspiradas na cronofotografia cinematográfica para representar a variação em mapas

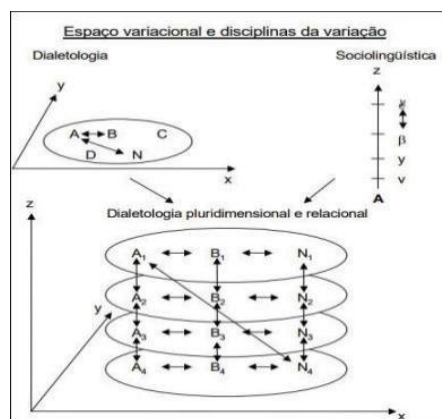
linguísticos (Thun, 2009, 2010).

Ademais, Altenhofen (2006) ressalta que a abordagem pluridimensional não invalida os estudos dialetológicos anteriores, pois estes forneceram bases sólidas para os avanços atuais. A expectativa é que contrastes entre fala de jovens, idosos, homens e mulheres, como já feito no “*Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai*” (ADDU, 1989), se tornem cada vez mais presentes em projetos como o Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), com destaque não apenas para a dimensão diatópica, mas também para dimensões como a diatópico-cinética, diastrática, diageracional, diassexual, dialingual, diafásica e diarreferencial.

Nessa perspectiva, Thun (2017) observa que a Dialetologia Pluridimensional e Relacional resulta da sistematização de princípios humanistas da linguística e da valorização de ideias precursoras da Dialetologia, como as de *Abbé Rousselot* (1888) e *Tomás Navarro Tomás* (1966). O modelo tridimensional proposto (Thun, 1998) articula a dimensão diatópica no eixo horizontal e a dimensão social (diastrática) no eixo vertical, criando uma malha de leitura para os usos linguísticos, retratadas a seguir pela figura 1.

Figura 1

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional.



Fonte: Thun (1998, p.705).

A aplicação prática desse modelo está exemplificada no “*Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*” (ADDU, 1989). Thun (2000) argumenta que a abordagem pluridimensional responde a duas questões fundamentais: a distribuição de um fenômeno entre falantes de uma mesma comunidade e a sua recorrência em diferentes faixas etárias e sociais. Isso permite ajustes metodológicos conforme o contexto, ampliando o perfil do informante e tornando a análise mais precisa.

Outrossim, a dimensão diatópica examina as variações regionais; a diastrática, os aspectos sociais como escolaridade, profissão e classe social; a diageracional, os usos por faixa etária; a diassexual, as diferenças entre homens e mulheres; a diafásica, os usos conforme o contexto comunicativo; e a diarreferencial, os comentários metalinguísticos produzidos durante a entrevista (Labov, 2008).

Além disso, Borella (2014) defende a associação entre a técnica dos três passos e a pluralidade de informantes. A metodologia leva os participantes a refletirem e comentarem sobre seu repertório, revelando formas do léxico ativo e passivo da comunidade. Uma vez que, Marques (2022) classifica a aplicação da técnica em três modalidades: pluralidade simultânea (entrevistados interagem entre si e com o pesquisador), pluralidade sucessiva (entrevistas em etapas com perfis similares) e pluralidade de várias vias (entrevistas individuais com todos os participantes).

Ademais, Thun (2010) enfatiza que a técnica dos três passos “perguntar, insistir e sugerir” favorece a elaboração de mapas linguísticos que indicam usos ativos, passivos e desconhecidos, refletindo as dinâmicas de manutenção ou substituição de formas. A técnica também incorpora aspectos da memória linguística, revelando tanto a introdução de novas formas quanto o desaparecimento gradual de outras (Tavares de Barros, 2019; Thun, 2010).

CARTOGRAFIA LINGUÍSTICA: ORGANIZAÇÃO E VISUALIZAÇÃO DOS DADOS

A evolução da Dialectologia apresenta duas fases distintas. A primeira é marcada por estudos de natureza monodimensional, voltados prioritariamente para a variação diatópica. Já a segunda fase aproxima-se da Sociolinguística, assumindo o desafio de documentar a variação linguística de forma mais abrangente e multidimensional. Nesse contexto, o professor Harald Thun introduz o princípio do sistema em cruz, que integra diferentes dimensões sociolinguísticas, como os estratos sociais, as gerações, o sexo e o gênero dos informantes.

Dessa forma, esse método possibilita a produção de informações detalhadas, mas impõe desafios à cartografia linguística, especialmente pela ocorrência de até oito variantes em um único ponto de registro. Para lidar com essa complexidade, Thun propõe uma simplificação cartográfica inicial. A Geolinguística, embora também se dedique à documentação de processos de inovação linguística, enfrenta limitações quando busca alcançar a mesma abrangência analítica da Sociolinguística (Krug; Horst, 2022).

Assim, Thun (2010) propõe a representação de quatro mapas em uma única imagem, condensando dados por grupos socioculturais e gerações. Contudo, restringe-se ao uso de um símbolo por célula para facilitar a leitura e interpretação. A cartografia linguística contemporânea, embora recente, ainda carrega influências de modelos tradicionais de representação. Como alternativa, Thun (2005) propõe o uso de pontos-símbolos e zonas linguísticas, de modo a condensar informações em uma única página.

Ademais, a metáfora do cavalo, utilizada por Thun na cartografia pluridimensional, inspira-se na técnica da cronofotografia, sugerindo a importância de captar a língua em movimento e representar suas múltiplas variações (Krug; Horst, 2022).

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente artigo descreve a metodologia adotada em um estudo de natureza qualitativa, fundamentado na obra *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*, de Martin e Gaskell (2008). O objetivo da investigação é analisar os aspectos semântico-lexicais das variantes linguísticas encontradas, considerando sua ocorrência, frequência e variações. A pesquisa é voltada para a comunidade linguística de Formoso do Araguaia, localizada no estado do Tocantins, reconhecida por sua expressiva diversidade linguística.

Nesse sentido, a abordagem teórico-metodológica escolhida é a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, que visa documentar as diferentes formas lexicais utilizadas por uma comunidade. Para isso, empregam-se os três passos metodológicos de Thun (2010), as dimensões sociolinguísticas propostas por Labov (2008) e o Questionário Semântico-Lexical (QSL), composto por 202 perguntas distribuídas em 14 áreas semânticas distintas. Neste artigo, a ênfase recai sobre a área semântica “fauna”, com destaque para a pergunta 64: *Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?*

Além dos aspectos metodológicos, destacam-se, ainda, os aspectos históricos, culturais e linguísticos de Formoso do Araguaia como elementos fundamentais para a pesquisa. Ressalta-se a necessidade de elaboração de um Atlas Semântico-Lexical de Formoso do Araguaia, tomando como base o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Para tanto, a seleção dos locais de pesquisa levou em conta critérios como relevância histórica, densidade populacional e distribuição geográfica da comunidade.

Em função dessa delimitação espacial, a investigação abrange tanto a zona urbana quanto a zona rural do município, considerando o crescimento da população urbana em detrimento da rural e as consequentes transformações linguísticas. A inclusão da zona rural, com destaque para a “Fazenda de Canuanã” é considerada essencial para a análise das disparidades linguísticas entre os dois contextos. O estudo contempla diversos pontos de investigação, com foco nas variantes do português faladas na região. O município foi dividido em setores socioculturais, abrangendo bairros antigos e recentes, bem como as diferenças no nível de escolaridade dos participantes.

Com base nesse recorte territorial e social, foram selecionadas duas categorias de informantes: a Geração I (GI), composta por indivíduos com idades entre 18 e 40 anos, e a Geração II (GII), formada por pessoas com 50 anos ou mais, residentes no município há pelo menos trinta anos. A seleção dos informantes seguiu rigorosamente os critérios estabelecidos pelo projeto, evitando a participação de membros da mesma família. No entanto, foram enfrentadas dificuldades na identificação de indivíduos que se enquadrassem no perfil exigido.

No que diz respeito à coleta de dados, as entrevistas foram realizadas individualmente, com base no QSL. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso, em conformidade com as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 da CONEP. Durante a coleta de dados, foram adotadas medidas de biossegurança em virtude da pandemia de COVID-19.

Dessa forma, Este artigo, portanto, dedica-se a apresentar de forma detalhada a metodologia aplicada no desenvolvimento da pesquisa. O grupo inicial de informantes contou com 32 participantes, igualmente distribuídos entre os gêneros e pertencentes à categoria de baixa escolaridade (Cb). Além disso, foram considerados quatro grupos varietais do português: maranhense, gaúcho, caipira e ribeirinho. Com o intuito de assegurar representatividade equilibrada desses grupos, outros 16 informantes foram incluídos durante a aplicação do terceiro passo “sugestões”, da investigação. Ao final, totalizou-se um grupo de 48 participantes, com distribuição balanceada quanto a gênero, idade e escolaridade.

RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa foram orientados pela metodologia do (QSL), vinculada ao (ALiB), em combinação com a técnica dos três passos proposta por Thun (2010), aplicada durante a investigação de campo. Esses passos consistiram, inicialmente, em questionar os entrevistados e aguardar suas respostas espontâneas; em seguida, estimular a evocação de memórias linguísticas mais profundas; e, por fim, apresentar variantes linguísticas não mencionadas anteriormente. Essa abordagem possibilitou aos informantes recordarem outras formas linguísticas conhecidas, revelando-se fundamental para os estudos geolinguísticos contemporâneos.

Nessa perspectiva, destacam-se, ainda, os comentários metalinguísticos realizados pelos participantes durante as entrevistas, nos quais associavam determinadas variantes linguísticas a regiões geográficas específicas ou a gerações anteriores. Tais comentários mostraram-se cruciais para a pesquisa, ao fornecerem insights valiosos sobre a dinâmica da evolução linguística. Além disso, é essencial considerar a dimensão diarreferencial ao abordar a diversidade dos informantes, visto que cada indivíduo pode representar uma rede complexa de influências linguísticas, incluindo avós, pais, vizinhos e demais membros da comunidade.

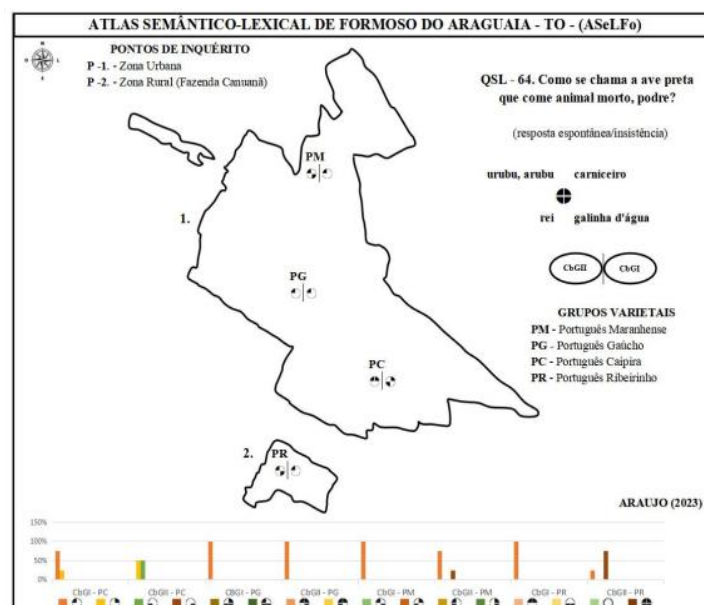
Contudo, a aplicação da técnica dos três passos de Thun (2010), aliada à escuta atenta dos comentários metalinguísticos emergentes, configura-se como uma ferramenta indispensável para pesquisas linguísticas que buscam compreender os processos de mudança e manutenção da língua ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais e geográficos.

Mapas Polifórmicos

As representações cartográficas obtidas a partir das respostas dos informantes são apresentadas por meio de mapas polifórmicos e mapas de status da forma. A seguir, apresenta-se o mapa polifórmico referente ao termo “urubu”, que registra as formas lexicais mais recorrentes nas respostas espontâneas à pergunta 64: “como se chama a ave preta que come animal morto, podre?”

Figura 2

Mapa polifórmico - urubu.



Fonte: Araujo (2023, p. 258).

As variantes identificadas pela pesquisa, apresentadas na Figura 2, são: *urubu/arubu*, *carniceiro*, *rei* e *galinha-d'água*. Essas formas foram mencionadas por informantes pertencentes aos quatro grupos das diferentes variedades do português, a saber: maranhenses (PM), gaúchos (PG), caipiras (PC) e ribeirinhos (PR).

Nessa perspectiva, Seraine (1991, p. 365) descreve a lexia *urubu* como aves vulturídeas, conhecidas como abutres que se alimentam de carniça, mencionando tipos diversos, como *urubutinga* e *urubu-rei*. Já Ferreira (2004, p. 409) define a variante *carniceiro* como derivada de “carniça + -eiro, carnívoro”. Somado a isso, Silva e Bluteau (1789, p. 349) atribuem à lexia *carniceiro* o significado de “que se ceva e nutre de carne: variedade corvo *carniceiro*, aves *carniceiras*”.

O grupo PM registra, na geração CbGII, as formas *urubu/arubu* e *galinha-d'água*, com um total de 50% de conhecimento das variantes documentadas. Já a geração CbGI do mesmo grupo apresenta apenas a forma *urubu/arubu*, correspondendo a 25% das variantes cartografadas. O grupo PG apresenta exclusivamente a variante *urubu/arubu*, de forma espontânea, para ambas as gerações, totalizando 25% de conhecimento das formas registradas.

No grupo PC, as formas apontadas para a geração CbGII são *urubu/arubu* e *carniceiro*, representando 50% das variantes documentadas. Na CbGI, por sua vez, surgem espontaneamente as formas *carniceiro* e *rei*, também totalizando 50% das variantes registradas. O grupo PR

apresenta, na CbGII, as variantes *urubu/arubu* e *galinha-d'água*, o que equivale a 50% das formas identificadas. Já a CbGI desse grupo registra apenas *urubu/arubu*, com 25% de conhecimento das variantes.

A análise dos dados revela padrões interessantes de conhecimento linguístico entre os grupos. O grupo PM, por exemplo, demonstra uma diversidade maior de formas na CbGII, com duas variantes registradas, enquanto na CbGI a variedade se reduz a apenas uma forma. Em contraste, o grupo PG evidencia menor diversidade, com apenas uma variante reconhecida nas duas gerações.

Os grupos PC e PR, por sua vez, apresentam um repertório mais amplo. O grupo PC registrou *urubu/arubu* e *carniceiro* na CbGII, e *carniceiro* e *rei* na CbGI, somando 50% de representação em ambas as gerações. De forma semelhante, o grupo PR documentou *urubu/arubu* e *galinha-d'água* na CbGII (50%) e somente *urubu/arubu* na CbGI (25%).

Outrossim, esses resultados evidenciam a importância da diversidade dos grupos sociais na análise da variação linguística e reforçam a relevância de estratégias como o registro de comentários metalinguísticos durante as entrevistas, contribuindo para uma compreensão mais ampla da dinâmica evolutiva da língua em diferentes contextos sociais e geográficos.

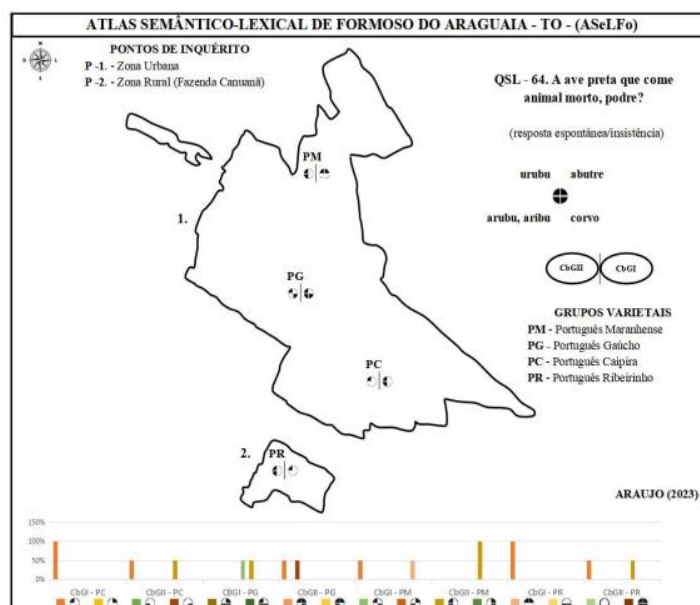
Na sequência, será apresentado o mapa polifórmico referente à forma *urubu*, elaborado com base na aplicação do terceiro passo da metodologia proposta por Thun (2010).

A Figura 3 exibe os resultados obtidos a partir desse terceiro passo, e as variantes documentadas pela pesquisa foram: *urubu*, *arubu/aribu*, *abutre*, *corvo* e *carniceiro*. Essas formas foram sugeridas pela inquiridora com base em um levantamento prévio de variantes testadas por outras pesquisas, sendo cartografadas apenas aquelas consideradas mais representativas.

Nesse contexto, destacam-se as contribuições de pesquisas anteriores como ALERS (2011), ALIPE (2013), ASELGO (2013), ALPR (1994), o Atlas Linguístico Pluridimensional do Português Paulista: Níveis Semântico-Lexical e Fonético-Fonológico do Vernáculo da Região do Médio Tietê (Figueiredo, 2019) e o TLPGP (2023).

Figura 3

Mapa polifônico -urubu/3º passo.



Fonte: Araujo (2023, p. 260).

Dessa forma, as variantes selecionadas para compor o questionário de sugestões foram documentadas pelas seguintes pesquisas: arubu (ALERS, 2011), aribu (ALERS, 2011; ASELGO, 2013), corvo (ALPR, 1994) e arubu (ALIPE, 2013), sendo que todas essas formas fazem parte do acervo do TLPGP (2023).

Outrossim, a partir da consulta a diversas obras lexicográficas, identificaram-se dicionários que apresentam a mesma acepção para a variante urubu. Entre eles, destacam-se o “*Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*” (Ferreira, 2004), o “*Dicionário do Folclore Brasileiro*” (Cascudo, 1988) e o “*Vocabulário Sul-Rio-Grandense*” (Romaguera Côrrea *et al.*, 1964).

Nesta perspectiva, Romaguera Côrrea *et al.* (1964, p. 474) documenta a variante urubu, descrevendo-a como sinônimo de corvo e mencionando três de suas variedades: urubu-de-cabeça-pelada, urubu-de-cabeça-encarnada e urubu-rei, este último caracterizado por belas plumagens brancas. Por sua vez, Ferreira (2004), Silva e Bluteau (1789) registram a forma abutre com diferentes acepções. Ferreira define abutre como designação comum para aves acipitrídeas (abutres do Velho Mundo) e catartídeas (abutres do Novo Mundo), que se alimentam geralmente de carne em putrefação. Já Silva e Bluteau (1789, p. 17) descrevem abutre simplesmente como uma “ave carnívora”.

Assim, a análise dos dados revela diferenças significativas no conhecimento das variantes linguísticas entre os grupos estudados. No grupo do português maranhense (PM), tanto a geração CbGII quanto a CbGI demonstraram conhecimento de 50% das formas documentadas, com registro das variantes urubu, arubu/aribu e abutre.

No grupo do português gaúcho (PG), a CbGII apresentou conhecimento de 50% das formas registradas, incluindo urubu e corvo. A CbGI, por sua vez, revelou um repertório mais amplo, com 75% das variantes cartografadas sendo aceitas espontaneamente, incluindo urubu, arubu/aribu e corvo.

Já no grupo do português caipira (PC), a CbGII demonstrou conhecimento mais limitado, registrando apenas a forma urubu — o que representa 25% das variantes documentadas. A CbGI desse grupo apresentou um conhecimento mais amplo, com registro de 50% das variantes (urubu e arubu/aribu).

Ademais, esses resultados evidenciam uma diversidade significativa no conhecimento das variantes linguísticas entre os grupos analisados, considerando-se suas regiões geográficas e contextos socioculturais. No grupo PM, observou-se um conhecimento moderado, com ambas as gerações registrando metade das formas documentadas, o que indica certa estabilidade na percepção das variantes.

Em contrapartida, no grupo PG, notou-se uma diferença considerável entre as gerações, com a CbGI demonstrando maior amplitude de conhecimento (75%). Tal diferença pode refletir a influência de fatores culturais, históricos ou educacionais na percepção e aceitação de formas variantes. No grupo PC, a disparidade entre gerações também foi evidente: enquanto a CbGII apresentou conhecimento restrito, a CbGI revelou maior familiaridade com as variantes, o que pode indicar menor exposição, transmissão ou valorização de determinadas formas entre os falantes mais jovens.

Dessa forma, esses dados reforçam a importância de considerar não apenas as diferenças regionais, mas também os fatores socioculturais e geracionais na análise da variação linguística. As distinções observadas podem refletir não apenas traços estruturais de cada variedade, mas também transformações contínuas da língua ao longo do tempo e em distintos contextos sociais.

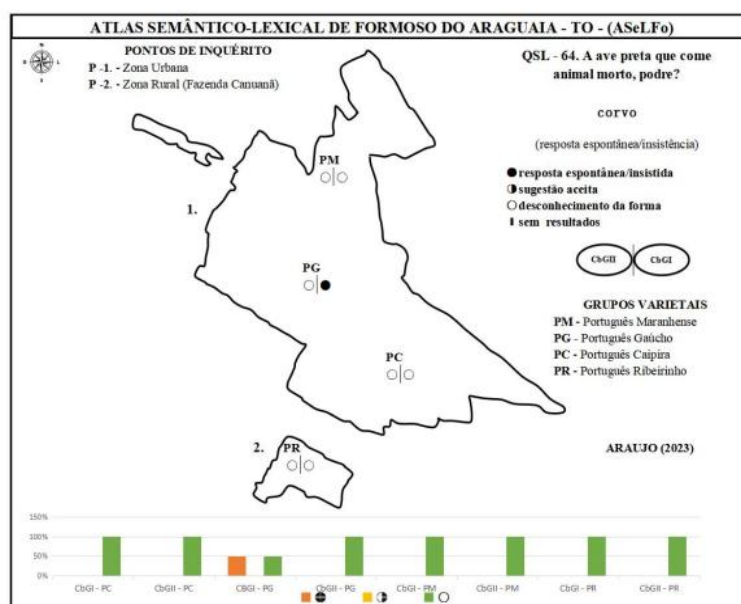
Por fim, no grupo do português ribeirinho (PR), tanto a geração CbGII quanto a CbGI registraram conhecimento de 50% das formas documentadas. A CbGII incluiu as variantes urubu e arubu/aribu, enquanto a CbGI apresentou apenas a forma urubu.

Mapa de *Status* da Forma Lexical

Diante do exposto, a pesquisa prossegue com a apresentação do *status* da forma “corvo”.

Figura 4

Mapa lexical status da forma - corvo.



Fonte: Araujo (2023, p. 262).

Ao analisar o *status* da variante *corvo*, observa-se que apenas a informante do grupo CbGI, pertencente ao grupo das variedades do português gaúcho (PG), demonstra familiaridade com essa forma. Em contrapartida, a informante do grupo CbGII, revela desconhecimento da variante, conforme evidenciado pelos dados cartográficos.

Assim, foram encontradas as seguintes definições para a lexia *corvo* em obras lexicográficas, como o “*Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*” (Ferreira, 2004) e o “*Diccionario da Lingua Portuguesa*”, de Silva e Bluteau (1789). Esses dicionários descrevem *corvo*, respectivamente, como uma “ave negra, de bico agudo, carnívora” (Silva e Bluteau, 1789, p. 483) e como “urubu (corvacho)” (Ferreira, 2004, p. 563).

Neste contexto, o conhecimento da variante *corvo* entre os grupos do português gaúcho revela uma disparidade significativa, evidenciando a influência de fatores regionais e socioculturais na percepção linguística. Enquanto CbGI manifesta familiaridade com a forma, CbGII a desconhece, o que reforça a importância dos dados cartográficos como ferramenta de análise.

Além disso, a presença da forma *corvo* em dicionários de reconhecida autoridade, como os de Ferreira (2004) e Silva e Bluteau (1789), confirma sua legitimidade e uso na língua portuguesa. A diversidade das definições encontradas ressalta não apenas a complexidade da linguagem, bem como a relevância de consultar diferentes fontes lexicográficas no estudo da variação linguística.

Contudo, tais resultados apontam para a necessidade de investigações mais aprofundadas sobre a variação linguística em contextos regionais específicos, bem como para o papel fundamental dos registros lexicográficos na compreensão e documentação dessas variações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada neste artigo destacou as variações no conhecimento das formas linguísticas entre diferentes grupos regionais e geracionais do português no Brasil. Observou-se que, no grupo do português maranhense (PM), houve uma consistência no conhecimento das variantes, com ambas as gerações registrando 50% das formas documentadas. Em contraste, o grupo do português gaúcho (PG) apresentou uma variação significativa, em que a geração mais jovem (CbGI) demonstrou um conhecimento mais amplo das variantes, enquanto a geração mais velha (CbGII) revelou um conhecimento mais restrito. Já no grupo do português caipira (PC), verificou-se o inverso: a geração mais jovem apresentou um conhecimento limitado, ao passo que a geração mais velha demonstrou maior familiaridade com as variantes.

Diante desse cenário, esses resultados sublinham a importância de considerar tanto as diferenças regionais quanto os fatores socioculturais e geracionais ao analisar a variação linguística. As discrepâncias observadas podem refletir não apenas as características linguísticas intrínsecas de cada região, bem como as transformações e evoluções linguísticas ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais.

Em complemento a essa análise, ao se investigar a variante “*corvo*”, verificou-se que apenas o grupo do português gaúcho (PG) revelou familiaridade com essa forma, evidenciando uma disparidade de conhecimento dentro do próprio grupo regional. Uma vez que, as definições lexicográficas encontradas em obras renomadas, como o “*Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*” (Ferreira, 2004) e o “*Diccionario da lingua portugueza*”, de Silva e Bluteau (1789), confirmam a existência e a legitimidade da variante “*corvo*”.

Portanto, a pesquisa ressalta a necessidade de investigações mais aprofundadas sobre a variação linguística em contextos regionais específicos, bem como a relevância dos dicionários na compreensão e na documentação dessas variações.

REFERÊNCIAS

- Altenhofen, C. V. (2006). *Interfaces entre dialetologia e história*. Em J. A. Mota & S. A. M. Cardoso (Orgs.), Documentos 2: Projeto Atlas linguístico do Brasil (pp. 159-185). Quarteto.
- Altino, F. C. (2007). *Atlas linguístico do Paraná: ALPR II* (Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade de Londrina.
- Araujo, K. de J. (2023). *Atlas semântico-lexical de Formoso do Araguaia - Tocantins: a dialetologia pluridimensional e relacional na Amazônia legal* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado de Mato Grosso.
- Augusto, V. L. D. S. (2013). *Atlas semântico-lexical do estado de Goiás (ASELGO)* (Tese de Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Universidade de São Paulo.
- Borella, S. G. (2014). *Tu dampm fala assim?: macroanlises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorizao das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano - português* (Tese de Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Cascudo, L. da C. (1988). *Dicionário de folclore brasileiro*. Universidade de São Paulo.
- Ferreira, A. B. de H. (2004). *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Positivo.
- Figueiredo Junior, S. R. (2019). *Atlas linguístico pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê* (Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo.
- Koch, W., Altenhofen, C. V., & Klassmann, M. S. (Orgs.). (2011). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): introduo, cartas fonéticas e morfossintáticas*. Editora da UFRGS; UFSC.
- Krug, M. J., & Horst, C. (2022). Dialetologia pluridimensional e relacional: entrevista com o professor Dr. Harald Thun. *Working Papers em Linguística*, 23(1), 08-16.
- Labov, W. (2008). Padrões sociolinguísticos. Parábola.
- Marques, M. J. B. (2022). *Microatlas linguístico contatual das variedades do português falado no norte de Mato Grosso* (Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Mato Grosso.
- Martin, B., & Gaskell, G. (2008). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual*

prático. Vozes.

Romaguera Côrrea, J. da C., *et al.* (1964). *Vocabulário sul-rio-grandense*. Editora Globo.

Sá, E. J. de. (2013). *Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)* (Tese de Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba.

Seraine, F. (1991). *Dicionário de termos populares* (2. ed.). Stylus Comunicações.

Silva, A. de M., & Bluteau, R. (1789). *Diccionario da lingua portugueza: composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro* (Vols. 1-2). Simão Tadeu Ferreira.

Tavares de Barros, F. H. (2021). *Topodinâmica del Hunsrückisch: cartografia y ejemplos del proceso de cambio y manutenção del léxico em contexto de migración* (Tese de Doutorado em Romanística). Universitat Bremen.

Thun, H. (1998). *La geolinguística como linguística variacional general* (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático do Uruguay). Em G. Ruffino (Ed.), *Atti del XXI Congresso internazionale di linguistica e filologia romanza* (Vol. 5, pp. 701-729, 787-789). Niemeyer.

Thun, H. (2000). *O português americano fora do Brasil*. Em E. Gartner, C. Hundt, & A. Schonberger (Orgs.), *Estudos de geolinguística do português americano (Sammelband)* (pp. 185-227). TFM.

Thun, H. (2005). *A dialetologia pluridimensional no rio da Prata*. Em A. M. S. Zilles (Org.), *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul* (pp. 63-92). UFRGS.

Thun, H. (2009). *A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas*. Em V. A. de Andrade (Org.), *Para a história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens* (pp. 531-558). EDUEL.

Thun, H. (2010). *Pluridimensional cartography*. Em A. Lameli et al. (Eds.), *Language and space: language mapping: an international handbook of linguistic variation* (pp. 506-523). Gruyter Mouton.

Thun, H. (2017). *O velho e o novo na geolinguística*. Em C. V. Altenhofen & C. F. Pavan (Orgs.), *Cadernos de Tradução: percursos teóricos e metodológicos da dialetologia* (n. 40, pp. 59-81).